

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

ANTÔNIO DA FONSECA SOARES: HOMEM DE LETRAS E ARMAS

André da Costa LOPES¹

RESUMO: O tema das letras e das armas foi bastante explorado na poesia do século XVII. Esse *topos*, segundo Curtius (1996), foi resgatado pelos renascentistas como “ideal cortesão”. Muitos foram os letrados que, de alguma forma, mantiveram algum contato com as armas, seja desempenhando papéis ostensivos em combates, seja escrevendo sobre o assunto. Antônio da Fonseca Soares (1631-1682), poeta português, nascido na Vidigueira, segue a risca esse ideal, pois serviu o exército de seu país durante o período das guerras de restauração e foi homem de Letras, autor de inúmeros romances, de sonetos e glosas, de madrigais e décimas. Enquanto era militar, passou um curto espaço de tempo no Brasil, vindo depois a renunciar a carreira para dedicar-se à vida religiosa, passando a se chamar Frei Antônio das Chagas. Sendo homem de letras e armas, Fonseca Soares escreveu sobre o tema em vários sonetos, romances e em dois épicos “Elvas Socorrida”, e “Mourão Restaurado”. Separamos, como exemplo, o romance 90, “Toquem armas as liberdades.” Neste, o poeta se utiliza do léxico bélico como material metafórico para descrever uma cena de guerra, na verdade alegórica, cuja simbologia gira ao redor do ritual de conquista homem-mulher. Neste trabalho, propomo-nos a analisar este poema, levando em consideração os referenciais de escrita seiscentistas, ou seja, os manuais de retórica e poética antigos e a preceptiva poética desta época. Usaremos, também, estudos modernos acerca da escrita do século XVII, feitos por autores como Curtius, João Adolfo Hansen, Alcir Pécora e Adma Muhana. Além da análise do poema, pretendemos abrir discussões acerca do tema das Letras e as Armas, dois fiéis representantes da expansão da língua portuguesa e, por conseguinte, da cultura lusitana pelo mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Antônio da Fonseca Soares; Retórica; Poética; Século XVII

Este trabalho é parte dos resultados da pesquisa de iniciação científica realizada entre 2005 e 2009 na Universidade Estadual Paulista, financiada pela FAPESP, agência de fomento à pesquisa

¹ Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Linguística, Avenida Dom Antonio 2100, 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil, dacostta@hotmail.com.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

(Processo 06/55216-4), cujo *corpus* é composto por 104 romances pertencentes ao ms. 2998 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Nossos estudos foram realizados em três etapas: na primeira, com o projeto intitulado "Fundamentos da edição crítica aplicados aos romances 37 a 72 do Padre Antônio da Fonseca (ms. 2998 BGUC)", tratamos da transcrição e fixação dos romances seguindo preceitos da Crítica Textual moderna por meio de uma edição diplomático interpretativa (AZEVEDO FILHO, 1987 e CAMBRAIA, 2005); na segunda, fizemos um estudo diacrônico histórico acerca da linguagem poética nos romances de Antônio da Fonseca Soares, com o trabalho intitulado "As escolhas vocabulares nos romances do Padre Antônio da Fonseca Soares"; finalmente, na terceira etapa, compilamos nossos estudos num capítulo de livro intitulado "A prudência das palavras", o qual é parte do livro organizado pelo professor doutor Carlos Eduardo Mendes de Moraes, com o título *Erotismo e religiosidade: Romances sobre mulheres (por Antônio da Fonseca Soares)*, ainda em fase de avaliação no programa de publicação de docentes e pós-graduandos da Editora Unesp.

Nascido em Portugal, na Vila da Vidigueira, em 25 de Junho de 1631, Fonseca Soares foi criado no seio de uma família nobre e recebeu educação própria à sua classe. É filho de Elvira Zuniga e do Doutor Antônio Soares de Figueiroa.

Ainda muito jovem, envolve-se num conflito passional e, por esse motivo, duela com João Sanches, vindo a matá-lo. Após esse incidente, alista-se no exército português e presta serviços militares nas guerras de restauração. Durante o serviço militar, recebe uma série de promoções, chegando à patente de capitão. Nessa fase de sua vida, em 1650, passa um breve período de tempo no Brasil. No ms. 345, atribuído a Antônio das Chagas, nome religioso de Antônio da

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

Fonseca, este faz menção a sua passagem por terras brasileiras, nos seguintes dizeres (cf. ms. 345 BGUC):

Sette, ou outo havia q vivendo eu no Brazil entre os vicios, e deleites ambiciozo so das torturas que o seculo me prometia; fis com auxilio superior voto solemne da religiam movendome a esta diferença a liçam de S. Luis de Granada sem que algum disabor humano fosse misivo a esta mudança, q interior m^{to} fui sentindo, e alta m^{to} conhecendo deixando por esta cauza m^{tos} augmentos, e venturas, que eu no melhor de minha esfera pudera ser por grandes ditas, e fazendo gosto dos desmandos com q eu compunha o meu designio, tornei sem^[1] a este Reyno com tençam de tomar o habito (...).

Assim, com a idade de trinta e dois anos, no ano de 1662, ele renuncia a vida secular e inicia vida religiosa com o nome de Frei Antônio das Chagas. (cf. CHAGAS, 1957; ALMEIDA, 1992; GATES, 2007; PONTES, 1953; PIMENTEL, 1889)².

Durante sua vida religiosa, Chagas tornou-se um escritor respeitado em seu tempo. Seus livros mais importantes são os *Sermões Genuínos*, publicados em 1690, e as *Cartas Espirituais* (1^a parte, publicada em 1684; 2^a parte em 1687) (cf. MORAES, 2007). Maria de Lourdes Belchior Pontes dedicou sua tese de doutorado ao estudo da obra religiosa desse autor, este importante trabalho recebeu o sugestivo título: *Frei António das Chagas: um homem de estilo do século XVII*.

Entretanto, sua obra secular, escrita quando Chagas atendia pelo nome de Antônio da Fonseca Soares, possui raríssimos estudos nas academias luso-brasileiras. Lourdes Belchior Pontes (1971) faz as seguintes considerações acerca do quase anonimato da obra fonsequiana:

² Todos os biógrafos de Antonio da Fonseca Soares remontam à obra *Vida, Virtudes e Morte com a opinião de santidade do Venerável Padre Fr. Antonio das Chagas*, do Padre Manuel Godinho, a qual não tivemos acesso.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

Do Fonseca pouco nos dizem os biógrafos, os cronistas, interessados naturalmente em exaltar o Venerável, e justificadamente interessados também portanto em esquecer o que no mundo fora António da Fonseca Soares. E quando se lhe referem é para do confronto Fonseca-Chagas, pelo contraste, se agigantar o perfil penitente do último. Duas personalidades distintas num só homem: a do Fonseca, poeta estróina, soldado e D. Juan, namorador de primas e não primas, desflorador da honra alheia, autor de centenas de romances, de sonetos e glosas, de madrigais e décimas, e a do Chagas, penitente, director de almas, pregador apostólico, varatojano austero, conhecido autor das Cartas Espirituais, e ainda de elegias impregnadas de uma dolorida religiosidade, de cânticos espirituais, de sermões e de outras obras, algumas miúdas, prenhes de um desencantado amargor, fruto provavelmente da sua experiência mundanal. Estas duas vidas, a primeira frívola e desregrada, a segunda asceticamente penitente e reparadora das faltas cometidas, ajustam-se perfeitamente ao ritmo vital do seu tempo. Poderíamos, integrando a vida e a obra totais do Fonseca-Chagas no século XVII, considerá-la como representativa da sua época, e não seria injustificado um estudo que se intitulasse «Frei António das Chagas – um homem e um estilo do século XVII». O poeta António da Fonseca Soares, o Fonseca, teve grande voga no seu tempo, prolongou-se a fama e chegou até Verney, motivo por que o escolhe para bode expiatório da sua impiedosa crítica: «Ouvi gabar muito um soneto do Chagas» (...) e sem sair do Chagas que parece a muitos que é bom poeta «escolhi este autor, porque é mui conhecido e louvado e procurado de muitos» (...). Ora as obras do Fonseca ficaram inéditas. Digo Fonseca, por querer dar o seu a seu dono. Do Fonseca são os romances, os sonetos, etc., que o Chagas tanto desejava destruir, prometendo rezar e disciplinar-se por quem lhe remetesse qualquer cópia dos seus versos de juventude.

Em trabalho escrito em 1992, consoante às palavras de Maria de Lourdes Belchior, Maldonado (p.410) também observa o esquecimento pelo qual passa a obra fonsequiana:

Mais de quarenta anos decorreram deste trabalho primeiro da doutora Belchior Pontes, mas os textos, esses permanecem inéditos e alguns em risco de jamais poderem ser lidos. E, continuando a citar Resende, é tempo “para os q mays sabe seespertem a folguar” de trazer o conhecimento do público a face inédita do talentoso e irreverente “Capitão Bonina” e de tantos outros votados ao mesmo destino.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

O poeta tem considerável número de códices espalhados pelos arquivos e bibliotecas de Portugal, todavia, os estudos mais aprofundados sobre seus escritos são escassos. Segundo Silva (1971, p.79), Maria de Lourdes Belchior deixou de registrar inúmeras composições poéticas de Fonseca em sua obra:

Com efeito, ao longo das nossa pesquisas, registramos numerosas composições poéticas pertencentes a Frei António das Chagas que não aparecem referenciadas na *Bibliografia de António da Fonseca Soares*. Tais composições derivam, na sua quase totalidade, de manuscritos da Biblioteca da Ajuda que a ilustre Professora não pôde conhecer. Dado ao elevado número dessas obras poéticas – bastará dizer que na *Bibliografia...* estão registradas quinhentas e trinta e nove composições, ao passo que o elenco de poesias aí não incluídas e atribuíveis a Frei António das Chagas ascende ao número de trezentas e sessenta e três³ [...].

O autor de *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa* ainda observa que há alguns poemas de Fonseca Soares na Fenix Renascida atribuídos a outros poetas ou constam como anônimos. Outro fato constatado por Silva (1971, p105-6-8) e que aproxima nosso poeta ao universo brasileiro são alguns sonetos atribuídos a Gregório de Matos, constantes na edição das *Obras de Gregório de Matos* compilada pela Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro, 1923-1933), os quais seriam de autoria fonsequiana. Ainda aproximando Fonseca ao Brasil, Maldonado (1992, p.409) faz menção ao epíteto “o mais canoro cysne de nosso século” atribuído ao Capitão Bonina pelo Desembargador Luís de Siqueira da Gama, membro da Academia Brasílica dos Esquecidos, o qual usa essa expressão numa glosa a um soneto fonsequiano. Portanto, Fonseca Soares não deu ao Brasil somente o ar de sua graça, mas muito provavelmente deixou-se conhecer também pelas suas obras poéticas, como vimos no relato de Maldonado e como declara Pontes (1953, p.78): “no Brasil, continuou Fonseca a poetar. Quando, já

³ Silva apresenta, no Apêndice II de seu livro, um catálogo alfabeticamente ordenado dessas obras poéticas.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

convertido, se afastava para meditar, julgavam os amigos que se afastava para escrever papéis de versos”.

Antônio da Fonseca morre em 20 de outubro de 1682. Observando sua trajetória, é possível perceber que a sua obra poética não passou despercebida. Em seu tempo, exerceu certa influência, mas, pelo que tudo indica, o fôlego de suas poesias seguiu além de se seu tempo. O Capitão Bonina foi comentado por autores como Padre Antonio Vieira (PONTES, 1953); glosado por acadêmicos no Brasil (MALDONADO, 1992); citado no dicionário Bluteau; e chegou “até Verney, motivo por que o escolhe para bode expiatório da sua impiedosa crítica: «Ouvi gabar muito um soneto do Chagas» (...) e sem sair do Chagas que parece a muitos que é bom poeta «escolhi este autor, porque é mui conhecido e louvado e procurado de muitos» (...).” (PONTES, 1971)

“Quase todas as composições que correm atribuídas ao capitão Bonina se reduzem, ao fim e ao cabo, a glosar temas de amor e da guerra” (PONTES, 1953, p.79). Essa declaração de Belchior Pontes situa a poesia de Fonseca Soares na temática das Letras e armas. Sendo homem de letras e armas, Fonseca Soares escreveu sobre o tema em vários sonetos, romances e em dois épicos “Elvas Socorrida”, e “Mourão Restaurado”. Tal assunto não ficava restrito ao discurso poético nos seiscentos, era acima de tudo um estilo de vida. Esse *topos*, segundo Curtius (1996), foi resgatado pelos renascentistas como “ideal cortesão.”

Portanto, o tema das Letras e armas não se configurava apenas como *lugar comum* para invenção poética seiscentista, era também um estilo de vida. Fonseca foi homem seguidor dessa “doutrina”, mas, assim como ele, outros grandes poetas seguiram o mesmo caminho, como

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

declara Pontes (id., ibid., p.122): “soldado nas guerras de Restauração, poeta épico como muitos de seus contemporâneos, o capitão Bonina pertenceu a uma geração de poetas-soldados”.

Sendo assim, o homem discreto da sociedade de corte não era somente o letrado que dominava os assuntos de retórica e poética, era também aquele que sabia versar sobre o mundo das armas, que tinha conhecimentos teóricos e empíricos acerca da arte da guerra. No artigo “O Corpo Cortesão”, Ornellas (2008) declara que

Existe, aliás, um lugar retórico, muito em voga entre os séculos XV e XVIII, com o qual podemos caracterizar com bastante precisão esse habitante da corte. É o topos das Letras e armas. Ele teria origem pré-histórica indo-européia, mas, no mundo dos poetas latinos, o aspecto religioso transmutou-se no topos da *Sapientia et fortitudo* (Sabedoria e fortaleza), que migrará diretamente para o renascimento sob o nome Letras e armas, da educação cortesã. Inúmeros e importantes personagens do período valer-se-ão dele em seus poemas. Garcilaso de la Vega, na sua *Égloga* terceira, *Camões*, no canto 7^o de *Os Lusíadas*, e *Gôngora*, no soneto *A Córdoba*, são alguns nomes famosos.

Hansen (1989, p.366) também faz alusão a esse tema, presente na poesia satírica de Gregório de Matos, e observa que

Discussões sobre a pena e a espada, sobre a afeminação ou a virilidade das Letras e das armas são muito comuns nos tratadistas da discrição no século XVI, como Baldessar Castiglione e Giovanni della Casa, cujo *Galateo* foi manual nos colégios da companhia de Jesus e, ainda, nos do XVII, como Baltasar Gracián, Emanuele Tesauro, Saavedra Fajardo, quando se integra à definição do “perfeito cortesão”.

Nos seiscentos, o mundo teatralizado da sociedade de corte segue preceitos de manuais de discrição, assim como o universo poético e literário seguem os preceitos dos manuais de escrita.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

Portanto, a temática das Letras e armas é lugar comum da invenção poética e é também regra de comportamento para o cortesão.

Esse *topos* traz em si uma forte simbologia, intimamente ligada aos movimentos de expansão territorial e, por conseguinte, cultural dos grandes Impérios. Cabe a pena e a espada, símbolos de poder e dominação, a efetivação da conquista de um novo território, esses dois instrumentos são emblemas da força de uma nação. Destarte, o vigor das armas e o poderio lingüístico e cultural do país dominador são ferramentas importantes no processo de dominação. O contato com o “outro”, por outro lado, gera um inevitável intercâmbio cultural entre dominador e dominado.

Foi essa força simbólica, objeto de interação entre culturas, que nos fez escolher as Letras e armas como tema. Sobretudo, porque Fonseca Soares foi fiel representante deste ideal, esteve no Brasil como homem de Letras e armas, representante da metrópole na colônia e, como visto acima, deixou suas marcas literárias em nosso país e também, muito provavelmente, levou daqui influências culturais. Apesar de não expressá-las com muita ênfase em sua obra, podemos perceber algumas destas marcas em seus romances como, por exemplo, alusões a cultura escravagista. No campo extra-literário, Fonseca Soares possivelmente levou de terras brasileiras procedimentos de pregação religiosa inspirados nos jesuítas que pregavam na Bahia, como ilustra Pontes (1953, p.30):

Quando, pregador apostólico, distribuía relicários e imagens devotas, talvez frei António das Chagas recordasse as mesmas distribuições de bentinhos e imagens piás que os jesuítas faziam nas festas solenes. E ao tomar com os povos a disciplina pública, talvez repetisse prática que vira, pela primeira vez, no Brasil.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

O romance que escolhemos para análise trata do *topos* das Letras e armas de maneira alegórica, pois nele, Antônio da Fonseca faz uso do vocabulário marcial para falar do jogo de conquista amorosa. Na “guerra do amor”, assim como na arte da guerra vence aquele que tem o aparato bélico mais poderoso e usa das melhores estratégias. Seguindo a ética expansionista, o vencido é subjugado pelo vencedor, numa relação dominador-dominado. Digno representante do seu tempo, o capitão Bonina segue essa mesma lógica em seu poema.

A partir desse momento, partiremos para análise do romance 90⁴, “Toquem arma as liberdades” de Antônio da Fonseca Soares. Neste, o léxico da guerra é evidente, há inúmeras palavras do vocabulário marcial. Envolto a esse universo estão o amor e o desejo, que simbolizam o ritual de conquista homem-mulher. Nessa guerra, o vencido é o eu lírico, cativado pelos fascínios da beleza feminina.

Romance 90

Toquem arma as liberdades
ponhaça a uida em defença
que comtra a praça de hũa alma
sahe a campanha a beleza
Despede por batedores
aquella uista traueessa
que a tiros de luzes chocao
dos olhos cõas sentinellas
A ganhar os postos sahem
humas raras altiuezas

Ja se perde a contra escarpa
porque na estrada encorberta
de hú coração se fes forte
huma galharda uiolencia
Pellas portas de hum sentido
faz em logo as uistas brecha
por onde ja lhe não para
couza emfim que uiua seja
Nas muralhas do aluedrio
anda a uontade suspenssa

⁴ O romance é uma forma poemática composta por quadras com versos redondilhos maiores, geralmente com rima assonante. As suas origens provêm das canções de gesta, cujo aspecto narrativo foi herdado. Foi largamente usado pelos poetas do século XVII (cf. ECHARRI, 1960, CHOCIAY, 1993; HANSEN, 1989).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

contra quem não uale nada
as mayores eminências
Os mouimentos atacaõ
huma escaramunça fresca
pois athe ferindo fogo
Que matão de ar se experimenta
Como achão numa uontade
citio para tanta empreza
no primeito asalto dalma
a bizzarria se empenha
A bataria aos sentidos
pos a fermuzura que era
general da artelharia
que he quem tudo poem por terra
Dentro na praça o juizo
seruia de intelligência
com que dobrando os auizos
foy fomentando a entrega
Feyta primeiro a chamada
de huma hypocrita demença
(a)quem forão dando auizos
huns suspiros e ternezas
Por uer que se não rendia
ao partido das finezas
enuestio a escala uista
todo o exercito de prendas
Ja por toda a parte o dão
os alentos, e as cruezas
chouendo de huns olhos rayos
e de humas pestanas settas

de uer que os seus rendimentos
se apurão na rezistencia
Sobre as ruinas, e estragos
uendo as minas que estao feitas
intentão fazer sortidas
as ultimas lauaredas
Mas como o peito oprimido
ardendo em fogo rebenta
Pertende nas cortaduras
deter de seu mal a defença
Não lhe derão fogo as iras
com que a prezunção soberba
nas batarias não para
nas auansadas não cessa
Vendo sse emfim reduzida
a ultima indeferença
e as forças deste inimigo
que a fogo, e sangue fas quera
Sobre a(o) menagem da ançia
da pas tremulla a bandeira
com que as uozes de hum gemido
a pedir quarteis comessa
Estribillo
Bom quartel porque huma alma
renderesse intenta
a fermozura os olhos
pareçe suspenda
que são tiros ociozos
a quem se entrega (grifos nossos)

Antônio da Fonseca, neste romance, usa sua forma clássica, ou seja, versos redondilhos maiores dispostos em quadra, com rima assonante. É interessante notar que esta forma poemática subsiste na poesia popular do nordeste brasileiro, a chamada literatura de cordel usa os romances para contar histórias e lendas do sertão nordestino brasileiro (ABREU, 2006).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

Fonseca, segue procedimentos da poesia aguda do século XVII ao aproximar metaforicamente conceitos distantes (GRACIAN, HANSEN, 1989). Operando por meio do *conceito* barroco, aproxima o vocabulário da guerra a um ritual de conquista homem mulher. As imagens da guerra, representadas pela investida do “inimigo”, tornam possível a visualização teatralizada dos procedimentos de sedução.

Nessa batalha alegórica, temos um eu-lírico discreto que vai perdendo o juízo diante da força da beleza que, personificada, vai avançando estrategicamente como um exército.

Dentro na praça o juízo
seruia de inteligência
com que dobrando os auizos
foy fomentando a entrega
Feyta primeiro a chamada
de huma hypocrita demença
(a)quem forão dando auizos
huns suspiros e ternezas

Quanto mais o eu-lírico resiste ao ataque, mais o exército da beleza usa suas armas. Se as metáforas aproximam conceitos distantes e ajudam no discurso persuasivo latente no poema, as hipérboles, com seu efeito de amplificação retórica, corroboram os argumentos do eu-lírico, pois diante de um “exército de prendas” e de uns olhos que atiram raios é quase impossível resistir.

O eu-lírico dá indícios de que é um homem discreto, pois tem juízo, entretanto vai perdendo-o em face de seu “inimigo”. Aqui temos uma contradição, pois nessa guerra não há um inimigo de fato, há, sim, um jogo de conquista. Este embate é muito mais entre a consciência do homem discreto que não quer ceder aos vícios do que um homem que enfrenta um inimigo. Talvez esse poder da beleza hiperbólica justifique a rendição do eu-lírico ao ato vicioso:

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

Vendo sse emfim reduzida
a ultima indeferença
e as forças deste inimigo
que a fogo, e sangue fas guera
Sobre a(o) menagem da ançia
da pas tremulla a bandeira
com que as uozes de hum gemido
a pedir quarteis comessa

.....

Bom quartel porque huma alma
rendersse intenta
a fermozura os olhos
pareçe suspenda
que sao tiros ociozos
a quem se entrega

Com o peito “ardendo em fogo”, um lugar comum na poesia do século XVII para estados de paixão, o eu-lírico faz a última tentativa de resistência, a qual se mostra em vão. O jogo de sedução vai dando sabor erótico ao poema e, conforme o avanço do “inimigo”, o erotismo vai crescendo numa escala gradual. À medida que o eu-lírico vai perdendo o siso e se entregando ao vício, vão aparecendo palavras, como “fogo”, “ira”, “sangue”, “ânsia”, sugerindo o ápice do conflito. Até, enfim, entregar-se ao “inimigo”. Assim, o verbo “entregar”, metafórico, sugere o desfecho erótico do poema e, por conseguinte, a posição cativa do homem em relação aos encantos da mulher, que assume o papel de ser dominador.

Antônio da Fonseca explora, neste romance, o tema das Letras e armas em chave erótica. Segundo Hansen (1989), tal procedimento pertence ao *topos* “pena e espada” usado na poesia satírica do século XVII. O conflito, pelo qual está acometido o eu-lírico, fazendo com que ele tenha certa culpabilidade em ceder às investidas do seu “inimigo”, ainda citando o autor de *A Sátira e o Engenho*, pode se enquadrar à tópica retórica *sexus*, pois

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

A infração sexual é sim, antes de tudo, infração da lei natural expressa nas leis positivas da Cidade: o crime *contra naturam* corrompe a harmonia do bem comum. Por isso, nos vícios pessoais se figura, de maneira exemplar, o teatro do medo em que se representa a negação do gozo e a apologia da falta, formalizadas na voz magistral do diretor da cena com prescrição de virtudes políticas. (id., *ibid.*, 329).

O Capitão Bonina trabalha o tema das Letras e armas com um tom de jocosidade, ironia e erotismo, bem ao seu estilo. Constrói sua poesia seguindo os modelos de escrita de seu tempo. Nela, podemos observar alguns *topos* largamente utilizados na poesia barroca como, por exemplo, o próprio tema escolhido, o “jogo de amor”, ou o conflito da consciência do homem discreto que não quer ceder ao vício. O discurso poético segue os moldes da poesia “vulgar” seiscentista, a começar pelo tom jocoso do poema e pelo uso de uma linguagem simples e desafetada, ornada pelo largo uso de metáforas e outras figuras retóricas, reforçando o argumento persuasivo do eu-lírico. A invenção poética segue as prescrições desse gênero, configurado na forma poemática do romance. Segundo Hansen (1989, p.42),

os romances contêm a redundância própria da oralidade, geralmente não encontrável nos sonetos, dada a estrutura de demonstração destes: montam um intertexto pelas glosas e expressões estereotipadas que se repetem no poema particular ou de poema a poema. Têm também formulação sintática menos complexa [...] orientando-se pela convenção retórica da clareza [...]. São, por isso, muito imediatos, como poesia quase que “de gramática” com pouca ornamentação, apresentando índice freqüentes do receptor. [...] O verso na medida velha faz a narração e os diálogos fáceis de memorizar. Padrões fixos e muito redundantes indicam que um dos procedimentos de sua composição consiste em alinhar fragmentos de discursos sobre uma trama típica, constituída por um conjunto de tópicos, montando-se muitas vezes uma relação mais ou menos exterior entre os fragmentos, na seqüência temporal do discurso mas não, necessariamente, na sua conseqüência.

Vimos que o *topos* das Letras e armas serviu de pretexto para Fonseca Soares desenvolver seu poema erótico. Vale lembrar que esse tema também é parte de um ideal cortesão, cuja carga

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

simbólica recai sobre dois objetos: a pena e a espada, instrumentos de poder e força, os quais, cada um à sua maneira, proporcionou a expansão político-econômica e cultural de grandes impérios. Estes deixaram seu legado cultural nos territórios conquistados, mas também assimilaram a cultura do outro. Nosso poeta, como vimos, deixou suas marcas em terras brasílicas, porém, muito provavelmente, levou consigo um pouco da miscigenada cultura do Brasil para seu país de origem.

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

ALMEIDA, C. M. de O. M. *Romances de ausência e saudade de Antonio da Fonseca Soares*, Transcrição de romances extraídos do Códice n^o 3549 da Biblioteca Nacional. Uma leitura comparada do códice no. PBA132, e códices 3368, 3566, 6104, 6269, 6430, 8575, 8576, 8581, 8614, 9321, 9322 da mesma Biblioteca, precedido de um breve estudo histórico e literário. Dissertação de mestrado em Literatura e Cultura portuguesas. FCSH – Faculdade de Ciências e Sociais e Humanas, Departamento de Literatura Portuguesa, Universidade Nova de Lisboa, 1992.

AZEVEDO FILHO, L. A. *Iniciação à Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez e Latino*. UERJ. 1 CD-ROM.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHAGAS, Frei Antonio das Chagas. *Cartas Espirituais*. Selecção, prefácio e notas pelo prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1957.

CHOCIAY, Rogério. *Os Metros do Boca teoria do verso em Gregório de Matos*. São Paulo: Unesp, 1993.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1996.

ECHARRI, E.D.; FRANQUESA, J.M.R. *História de la literatura española e hispano americana*. Madrid: Aguilar, 1960.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 30 – A Língua Portuguesa no intercâmbio cultural resultante dos relatos de viagem.

GATES, E.J. *Antonio da Fonseca Soares, an imitator of Góngora and Calderón*. *Hispanic Review*, v. 9, n. 2, p. 275-286, 1941.

GRACIÁN Y MORALES, B. *Agudeza y arte de ingenio*. Buenos Aires : Espasa-Calpe Argentina, 1944.

GRACIAN, B. *A arte da prudência*. Tradução Pietro Nascetti. São Paulo: Martin Claret, 2005.

HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HANSEN, J. A. *Alegoria*. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

HANSEN, J. A. *Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII*. In: PARA Segismundo Spina: língua, filologia e literatura. São Paulo: EDUSP, Iluminuras, 1995. p. 201-14.

MALDONADO, M. H. *António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas): Trinta Romances Inéditos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1992.

MORAES, C. E. M. *Fonseca, Chagas ou Ribeiro da Costa?*. *Revista Philologus*, v. 39, p. 7, 2007

MUHANA, A. *A epopéia em prosa seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Unesp, 1997.

Ms. 2998 da Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Ms. 345 da Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

ORNELAS, S. O Corpo Cortesão. *Verbo Cultura e Literatura*, n.21, maio. 2000. Disponível em http://www.verbo21.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=33&Itemid=62. Acesso em: 14 ago. 2009.

PIMENTEL, A. *Vida mundana de um frade virtuoso*. Lisboa: Livraria Antonio Maria Pereira, 1889.

PONTES, M. L. B. *Frei António das Chagas :um homem e um estilo do séc. XVII*. Lisboa: Sa da Costa, 1953.

PONTES, M. L. B. *Os homens e os livros (séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

SILVA, V. M. P. A. *Maneirismo e Barroco na Poesia Lírica Portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1971.